

TRISTEZAS DE PORTUGAL

1232 RUBEM BRAGA

NÃO li a entrevista que deu Manuel Rodrigues Lapa ao "Diário de Lisboa", e que lhe valeu cadeia e lhe está valendo processo. Não li também seus estudos sobre literatura medieval, e as origens da lirica portuguesa, que em todo mundo o acreditaram como um grande mestre. Mas quando em comunicado oficial o governo Salazar o culpa de "injúria grave feita a todo o país" eu digo com simplicidade — que não acredito.

Sei pouco desse homem; andará pelos 45 anos; venceu, em rudes provas, o concurso para professor da Faculdade de Letras de Lisboa; e como não escondia sua tristeza perante os desmandos do governo em tudo e, em especial, nas coisas da instrução, foi posto fora da cátedra. Sei pouco desse homem; sei, porém, o que ele pensa de outros homens, também de letras e também portugueses, que foram um Diogo do Couto, um Francisco de Sá de Miranda, um frei Luís de Sousa, um Francisco Manuel de Melo, um Tomaz António Gonzaga, um fradinho António das Chagas.

Foi graças à coleção de clássicos que ele dirige, seleciona, prefacia e anota que eu pude conhecer melhor essa velha e boa gente portuguesa e assim melhor aprender e amar esse Portugal de todos os meus avós. Na sua prosa, tersa e discreta senti seu amor por essa gente velha, e não apenas pelo mito e bem que ela fez, como ainda pelo seu respeito à justiça e à verdade. "Porque isto de falar cada um à sua vontade é mais sadio que galinha cozida", dizia um relógio falante de D. Francisco. Na verdade, é um grande gosto, mas Rodrigues Lapa está vendo que é também perigoso. Já o sabia, na certa, pois sobre o "Soldado Prático" disse: "O amor da verdade é em Couto uma espécie de vício. Há homens assim; por mais que lhes façam, não cessam de dizê-la; faz parte da sua natural respiração".

Ora, muito me custa crer que esse Manuel Rodrigues Lapa, que passa a vida estudando e exaltando o que Portugal tem de melhor, possa ser culpado de injúria ao país do qual é um dos filhos mais cultos e ilustres. E' traça velha dos governos receber palavras dos adversários não como crítica aos seus

erros e tolices, mas como insulto à Nação. Aqui há muito sabemos disso; e não houve jornalista nem viajante que falasse das torturas nos cárceres do Estado Novo ou da falta de habilidade do sr. Getúlio Vargas no jôgo do "golf" que não fosse acusado de pavorosa injúria ao Brasil.

A mim mesmo não me falta uma pequena experiência. Escrevi umas crônicas sobre o Pôrto, cidade que me encantou pela sua força e beleza; mas não deixei de dizer, sem o mais mínimo exagero, o que a mim disseram sobre o regime português os homens da rua que encontrei. Pois houve por aqui uma associação lusitana qualquer que aprovou a inserção em ata de um protesto ou desagravo pelos insultos que fiz à cidade do Pôrto! Tão bôba e triste me pareceu a coisa que na ocasião nem respondi; se a lembro agora é porque vejo o mesmo truque sujo oficialmente aplicado a Manuel Rodrigues Lapa.

Também esse homem de espirito e de cultura, esse grande amigo do Brasil que é Adolfo Casais Monteiro, foi posto na cadeia por Salazar. E com vergonha dos próprios atos o salazarismo não se peja em dizer que não tem exilados. Aqui está outro português dos mais cultos e ilustres, o professor Jaime Cortezão, que de Lisboa saiu banido — precisamente banido, pois foi precisamente esta palavra que se usou em documentos oficiais para precisar sua situação. Sofisma-se agora, dizendo que ele e Jaime de Moraes poderiam ter ficado em Portugal, desde que ficassem na cadeia a esperar o resultado de processos pelos "crimes" que haviam praticado. E inventa-se uma anistia de 1945, de que ninguém soube, nem houve, nem há, e se houver deve ser igual àquela de 1940, anunciada pelo governo para atrair e trancafiar os exilados.

Contou-me o amigo Novais Teixeira que, como o professor Cortezão, se apressou a voltar a Portugal quando teve, pelo cônsul, notícia dessa anistia, o gesto com que reagiu a essa palavra o policial da fronteira, que o prendeu. Um gesto muito usado por esses galegos de barro colorido que nos butecos humildes avisam que não há fiado — um gesto que caracteriza a suprema elegância da ditadura portuguesa na hora em que se lhe cobra o cumprimento da palavra empenhada: "toma!".

Manuel Rodrigues Lapa vive o melhor de sua mocidade entre sombras altas e viris de portugueses que amaram mais a sua verdade que ao seu rei. Isso lhe dá visão para situar a comédia melancólica de nossos dias e não desanimar perante essa tão "apagada e vil tristeza".

15.1.49